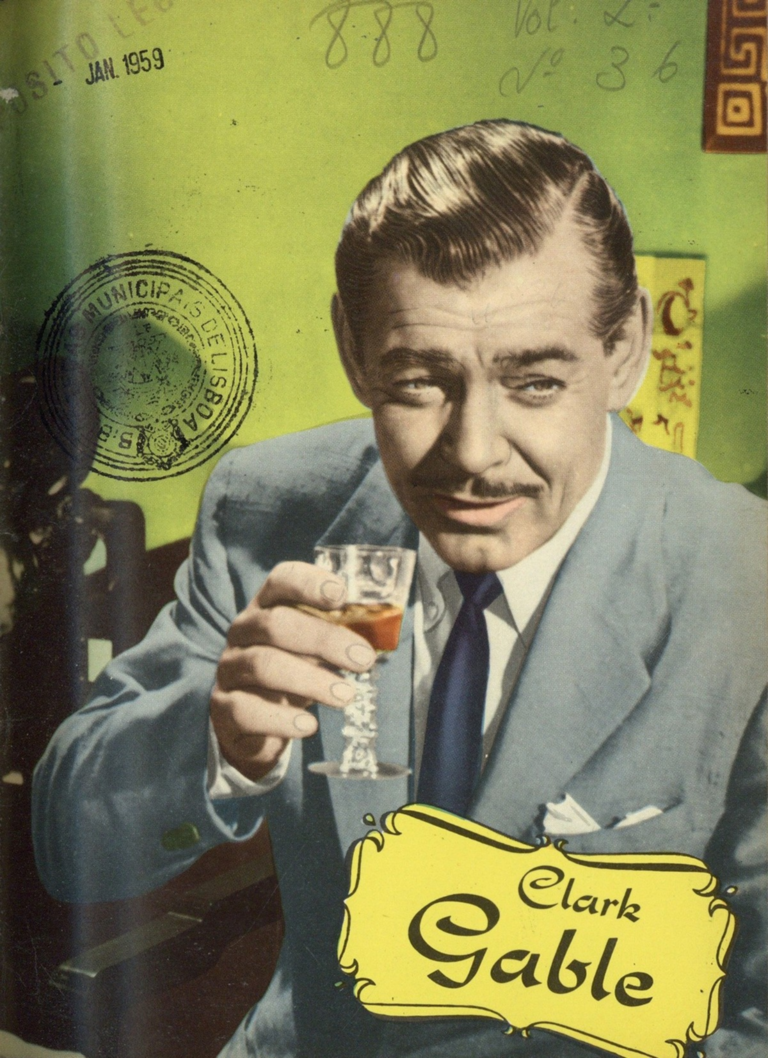
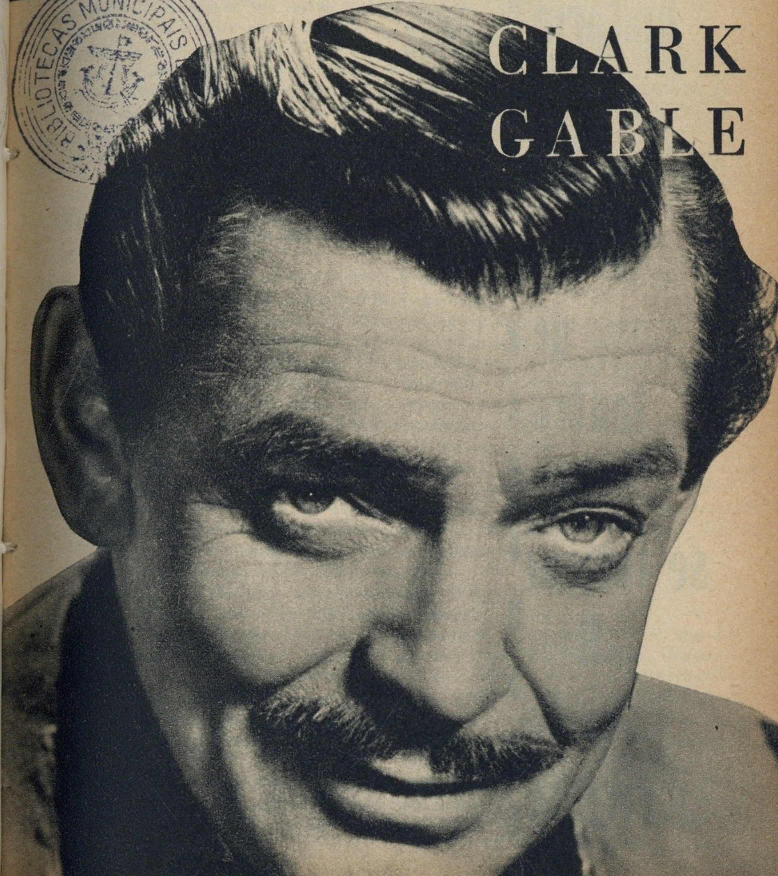

Clark
Gable

ÁLBUM DOS ARTISTAS

2.º Vol. — Fasc. 36

Edição de Aguiar & Dias, L.da — — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas oficinas gráficas Bertrand (Irmãos), L.da, Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

CLARK GABLE



a espantosa história do humilde actor de teatro que se tornou «Rei» de HOLLYWOOD

POR volta de 1931 começou a soar em Hollywood o nome de um jovem actor: Clark Gable. E, de um dia para o outro, esse nome breve viu-se elevado aos cumes da fama.

Hoje, decorrido mais de um quarto de século, os seus filmes ainda dão a volta ao mundo, arrebatando o coração das mulheres e a admiração dos homens com as suas façanhas.

Apesar de ser quase um sexagenário, Clark Gable mantém-se em perfeita forma física e artística. Nenhum outro actor como ele, incluindo Gary Cooper, parece ter descoberto o segredo da eterna juventude. Ao contrário de outros companheiros de profissão, que não têm podido manter-se nos papéis de galã, Gable continua a ser disputado pelas mais belas actrizes de Hollywood, porque, pese às rugas que lhe esmaltam o rosto, ele continua a deter orgulhosamente o título de «Rei».

CANTON — A TERRA ONDE GABLE NASCEU — ERA UMA ALDEIA COM 500 HABITANTES

Numa das mais pequenas aldeias dos Estados Unidos, chamada Canton, no Estado de Ohio, nasceu a 1 de Fevereiro de 1901 um bebé robusto, que pesava cinco quilos e berrava de manhã à noite...

A aldeia contava apenas quinhentos habitantes, mas tinha uma escola. A vida ali era apagada e monótona e, fora da escola, o pequeno Gable aborrecia-se por não encontrar ninguém que lhe desse dois dedos de conversa.

A casa dos pais era pouco visitada — e a maioria das pessoas que lá íam tinham pouco interesse. A simpatia de Gable concentrava-se apenas no médico da aldeia — com quem passava longas horas em amena conversa.

— Quando fores crescido, o que queres ser? — perguntava o doutor, levantando-o ao colo.

— Médico — respondia o pequeno sem vacilar.

O doutor não sabia explicar a si próprio a razão daquela escolha. Era certo que o garoto o admirava muito, mas não admirava também o pai?

Para Gable, porém, não havia mistérios: o médico montava um magnífico cavalo — e essa era a razão do seu interesse pela carreira de médico... Não tinha a mais pálida ideia sobre o que deveria ser semelhante carreira, mas o desejo de possuir um cavalo levava-o a esquecer o resto...

Quando terminou a instrução primária, seu pai, William Gable, procurou-lhe emprego numa fábrica de borracha. A mentalidade do pequeno era, porém, demasiado fogosa para se contentar com aquela actividade. Na sua imaginação não se consumira ainda a ideia de ser médico, apesar de ter deixado de ver o doutor e o seu cavalo.

Terminado o trabalho na fábrica, estudava à noite no liceu de Akron. Conseguiu, assim, tirar o curso liceal e ingressar mais tarde na Universidade, com o desejo de se formar em Medicina.

Na Universidade, o contacto com a vida alegre e despreocupada de muitos estudantes, que levam uma existência semi-boémia, que riem, bebem, dançam e gozam sem um tostão no bolso, modificou a maneira de ser do jovem Gable.

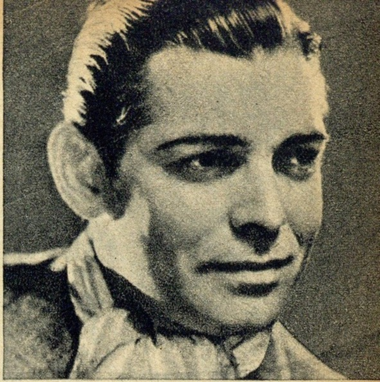
Uma noite, num dos restaurantes onde era hábito encontrar-se com os colegas, Gable conheceu dois actores de uma companhia teatral que estava de passagem na cidade. Os estudantes contemplavam, admirados, os dois indivíduos, que pareciam levar uma vida mais alegre e boémia do que a sua.

— Oh, o teatro não se pode comparar a nada. Sabem porquê? — dizia um dos artistas. — Porque no teatro se fundem todas as artes. E o triunfo do actor é superior a todos os triunfos, porque estamos em contacto directo com o público. Nas outras artes não existe esse contacto e o público apenas conhece o nome dos artistas. Têm os críticos que tudo louvam e as felicitações dos amigos, mas nunca os aplausos espontâneos do público. Nós conhecemos a verdadeira glória e o verdadeiro fracasso: é o público que nos anima ou que nos repele.

O jovem Clark escutava, boquiaberto, a dissertação do desconhecido. As palavras que fluíam suavemente dos lábios do actor, abriam ante os seus olhos um mundo maravilhoso e estranho.

— É difícil chegar a ser actor? — atreveu-se a perguntar.

— Meu rapaz — respondeu o interpelado, com um ar superior — é uma questão de sorte. Nunca se sabe quem servirá ou não. Às vezes é preciso lutar muito — mas o que mais custa é chegar ao fim e verificar que tudo foi inútil. Outras vezes, a conquista do teatro é tão fácil que parece um sonho.



Clark sem bigode não conseguia atrair as atenções. Durante muito tempo, deambulou pela província em companhias de terceira categoria e, mesmo assim, em papéis secundários.

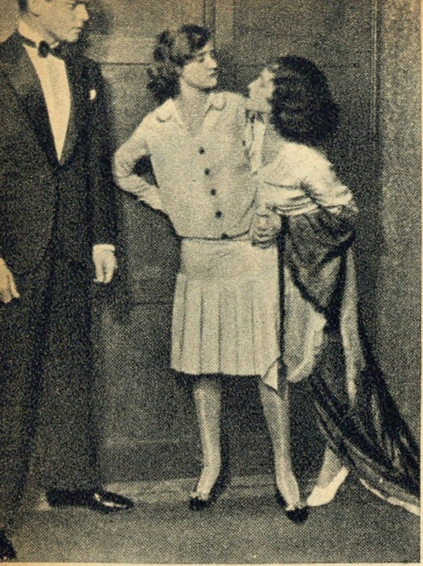
— Gostaria de experimentar. Essa luta pela vida é apaixonante. Acha que poderei servir?

— Talvez, talvez — respondeu o actor, com o tom impertinente dos artistas secundários que se arrastam toda a vida pelos palcos sem que obtenham um primeiro papel. — Tens presença e voz. São qualidades importantes. Se te achas com talento, podes começar a trabalhar.

O TEATRO FASCINA-O...

À noite, correu ao teatro e, dos bastidores, assistiu à representação. Aquela agitação, aquele trabalho constante, causou-lhe um entusiasmo febril. Não podia duvidar — pensou — a sua carreira estava ali, nos tablados e, uma vez que tinha presença e voz, podia lutar com grandes possibilidades.

Ao regressar a casa, enfrentando de novo os livros de estudo, notou que o seu desejo se tornara ainda mais vivo! Aqueles textos que era obrigado a decorar, causavam-lhe



Ao cabo de longos anos de esforços, conseguiu pisar os palcos da Broadway. Título da peça: «On Browdway is Hawn Island». Clark não se sentiu à vontade dentro do «smoking» e arranjou este ar de «mau»...

repugnância e decidiu não voltar a abri-los na vida. Não se lembrou de que tinha sido a ambição de ser médico, para possuir um cavalo, o que o tinha levado a estudar. Não se apercebeu tão pouco que o que se passava agora na sua vida era algo parecido.

Decidiu escrever aos pais anunciando-lhes a decisão que tomara. Várias vezes rasgou a carta, porque a redacção lhe parecia deficiente. Era a primeira vez que tomava uma decisão por sua conta e risco e as hesitações perseguiam-no.

Acabou por mandar a carta sem olhar às palavras. E, no dia seguinte, começou a percorrer as agências teatrais, no vaivém habitual dos que procuram entrar na vida artística.

Encontrar uma colocação, por muito modesta que fosse, era o seu desejo. Mas, onde quer que se oferecesse para actor, todos se queixavam da sua elevada estatura.

Clark manifestava a sua surpresa:

— Sempre supus que um galã devia ser alto e ter boa presença.

Meneavam a cabeça negativamente, e ele via-se obrigado a desistir.

Quando, finalmente, obteve trabalho, compreendeu a razão porque tinha sido rejeitado tantas vezes. Era certo que um galã devia ter bom aspecto, mas um criado de café demasiado alto destoava no conjunto dos outros actores.

Assim sucedeu na primeira vez em que Gable entrou num palco,

Em Hollywood, a sorte não lhe sorriu à primeira vista. Pelo contrário, mostrou-se-lhe o mais arredia possível... E ele não viu outro remédio senão entrar num filme de «cow-boys» de William Boyd, com a guedelha a cair-lhe sobre os olhos...



interpretando precisamente o papel de criado. Era o papel mais insignificante da peça, e como a companhia não tinha qualquer prestígio, passou despercebido — irremediàvelmente despercebido.

Nunca imaginara semelhante fracasso. Por isso, o golpe moral que sofreu abalou-o profundamente, levando-o a descrer da sua vocação artística. Abandonou imediatamente a carreira que tão deststrosamente iniciara. Fazer de criado não era compatível com as ambições que acalentava. E, além do mais, pouco ou nada conseguiria numa companhia tão pobre, em que os ordenados mal davam para comer...

Após esta primeira experiência teatral, Gable mudou de vida e meteu-se numa série de negócios que desconhecia totalmente.

Começou por trabalhar com seu pai nuns poços de petróleo de Oklahoma. Mas essa actividade não durou muito tempo, porque, como se a má sorte o perseguisse, redundou noutro ruinoso fracasso.

Passou depois para uma companhia de madeiras que explorava os bosques de Washington.

Durante duas estações viveu em pleno bosque uma existência primitiva. Mas Clark gostava de viver assim. Encantava-o o contacto com a natureza, a vida longe da natureza, a vida longe da civilização.

Terminado o inverno, porém, a companhia suspendeu os trabalhos. Clark regressou à cidade, aguardando a nova temporada.

De novo sem trabalho, ingressou numa companhia como viajante. Cedo compreendeu que o novo emprego não se ajustava ao seu temperamento. De resto, não conseguia vender um só artigo e decidiu, uma vez mais, mudar de profissão.

Empregou-se como operário numa companhia de telefones, que também não satisfez a sua ânsia de viver. Abandonou-a ao cabo de pouco tempo tão desiludido como após o seu primeiro fracasso no teatro.



Com perseverança e coragem, Clark foi ganhando prestígio... E quando se lembrou de que um bigode interessante faria com que não reparassem tanto nas suas avantajadas orelhas, daí até ao êxito foi um passo... Em 1933, era já um galã de prestígio, a quem era dado o privilégio de abraçar Joan Crawford desta maneira, em «Dancing Lady».

A PRIMEIRA TOMADA DE CONSCIÊNCIA

A série de empregos que conhecera, deu a Clark a consciência de que a vida não é um mar de rosas. «Começar uma coisa é muito simples — pensou com os seus botões — mas chegar a triunfar é outra, tremendamente difícil».

A vocação teatral que tinha permanecido latente no seu espírito, reacendeu-se de novo. Lamentou o tempo que perdera em empregos a que nunca se poderia adaptar e, com decisão, recomeçou as visitas às

agências teatrais em busca de uma oportunidade. Queria voltar ao contacto com o público, ainda que fosse como criado de café. Bateu a muitas portas, mas em vão.

Vai aprendendo, assim, que o caminho da glória é longo e difícil.

E, quando, finalmente, obtém um contrato numa companhia de segunda categoria, aceita os mais pobres papéis.

Com o correr dos meses, vai adquirindo importância e prestígio. Substitui os actores despedidos e os doentes.

Ao fim de um ano, ocupa um lugar único na companhia. Chega, mais do que uma vez, a representar vários papéis na mesma peça. Vê-se obrigado a sair correndo do palco para ir ao camarim caracterizar-se para outro papel. Vai, assim, conquistando uma experiência que pesará, de maneira decisiva, no seu futuro.

Ao lado de Jean Harlow — a Marilyn Monroe da época — Clark Gable interpretou cinco filmes, todos de grande intensidade dramática. Em «Terra Abrasadora», o primeiro, ele renuncia temporàriamente ao bigode...



As suas interpretações alcançam, em breve, uma desenvoltura e qualidade semelhantes à dos titulares da companhia. O público começa a notá-lo e não lhe regateia aplausos. Clark, porém, não sai dos papéis secundários.

Cansado de tanto trabalho e da escassa remuneração, pede um aumento de salário.

— Eras um principiante! — responde-lhe o director, indignado. — Tudo o que sabes aprendeste comigo. Qualquer um pode fazer o que tu fazes... Pago aos artistas conforme o que valem.

— Precisamente! — acentuou Gable. — Ganho o mesmo que ganhava quando comecei! Mas melhorei muito e trabalho mais do que ninguém.

— És um novato, tens ainda muito que aprender... O meu erro quando entraste para a companhia foi pagar-te demasiado. O que te pago agora é o que mereces. Há centenas de artistas que estariam contentes com o teu ordenado. Se não te agrada, podes despedir-te!

Não se despediu, mas a situação tornou-se ainda mais desagradável. Informados da entrevista com o director, os companheiros começaram a colocá-lo à margem. Clark resolve que, na primeira oportunidade, mudará de companhia.

Uma noite, vai visitar no próprio camarim a actriz Jane Cawl, famosa na cena americana. Todos os actores a rodeiam e a cumulam de galanteios. Mas ela, sem lhes prestar atenção, dirige-se ao actor alto e jovem que ainda não conhece.

— Felicito-te, meu rapaz! Estiveste magnífico! — exclama com entusiasmo.



À ESQUERDA: «Revolta na Bounty», com Charles Laughton, mostrou que Clark não era apenas um galã romântico, mas sim um actor completo.

EM BAIXO: Em 1935, a Academia concedeu-lhe o prémio para o melhor actor do ano, pela sua interpretação em «Uma noite aconteceu», com Claudette Colbert.



— Obrigado... — murmura Clark, assombrado com a efusiva atitude da «estrela».

— Sim, estiveste muito bem, apesar da pobreza do teu papel. Há papéis que não são para ti... Amanhã deixamos a cidade. Quando quiseres, tens um lugar na minha companhia.

Proferidas estas palavras, a «estrela» abandona o teatro. O olhar que Clark dirige aos companheiros expressa claramente os seus pensamentos.

O CAMINHO DO ÊXITO

No dia seguinte, Clark ingressa na companhia de Jane Cawl, dando início a uma etapa decisiva na sua carreira.

Ao lado da grande actriz, tem oportunidade de interpretar papéis de importância. Em «Romeu e Julieta» e em «O preço da glória» obtém notáveis êxitos, o que o anima extraordinàriamente, em especial porque o público o vai conhecendo e admirando.

Infelizmente, estas belas perspectivas duram pouco tempo. Jane, cansada, dissolve a companhia. Clark fica desempregado, mas satisfeito e convencido de que o triunfo já esteve mais longe.

Em Los Angeles trava conhecimento com o famoso actor Lionel Barrymore, cujo apelido ocupa um lugar proeminente na história do teatro americano. Com ele actua em várias comédias, mas não consegue saltar para a primeira fila dos actores.

Inquieto pelo tempo que passa sem lograr o triunfo definitivo, Clark decide partir para Nova Iorque com a esperança de trabalhar na Broadway.

De novo enfrenta a necessidade de visitar as agências. Clark conta a história da sua vida de actor, exagerando cìnicamente os seus triunfos, a um empregado com cara de poucos amigos.



«O inimigo público n.º 1» reuniu três artistas que ainda hoje se mantêm na primeira fila dos consagrados: Clark Gable, Myrna Loy e William Powell.

— Trabalhei como protagonista em todas as obras da maravilhosa Cawl, até que passei para a companhia de Lionel Barrymore, que não me largou enquanto não fiz a transferência...

E Clark continua no mesmo tom, exaltando e exagerando os seus triunfos... de imaginação...

O empregado diz-lhe para esperar. Aparece depois outro indivíduo com cara ainda de menos amigos e Clark repete a história, agora com um entusiasmo mais comedido.

Após uma nova espera, surge um terceiro personagem, amável e elegante, que o obriga a repetir o mesmo relato.

Este último acaba por lhe dizer para voltar no dia seguinte, à tarde. Desiludido, comparece por pura rotina.

— Aqui tem um papel — anuncia-lhe o indivíduo elegante da véspera. — É uma comédia que se estreia dentro de um mês. O seu papel é o de protagonista. A peça chama-se «Maquinal».

Clark fica boquiaberto. Aquilo estava fora de tudo o que podia esperar. Recebe o livro enlouquecido de entusiasmo. E nessa mesma noite começa a estudar o seu primeiro grande papel.

O PRIMEIRO GRANDE TRIUNFO

«Maquinal» constituiu o primeiro grande triunfo de Clark Gable no teatro. Ao princípio, sentiu-se temeroso de enfrentar o público mais exigente da América. Contudo, conseguiu uma boa interpretação. A crítica elogiou-o.

Depois, serenando os ânimos e perdendo o medo, a sua actuação foi-se tornando, dia após dia, mais perfeita e segura. Dentro em pouco, pisava o palco como um veterano.

A peça manteve-se no cartaz durante muitos meses. Ganhou bastante dinheiro, mas acabou por se cansar da monotonia daquela vida.

Regressou, por isso, a Los Angeles, em pleno coração do Oeste, que desde criança o fascinava.

Voltou a encontrar-se com Lionel Barrymore, que lhe deu um papel na peça «A última milha». Apesar dos outros artistas que participavam no elenco — todos nomes consagrados da cena americana — Clark

Era assim, montado num belo alazão, que o pequeno Gable se ria quando manifestava desejos de ser médico... O sonho realizou-se, mas numa profissão bastante diferente...



obteve nessa peça um êxito tão rotundo que, a partir de então, o seu nome passou a fazer parte dos grandes nomes da Broadway. Porém, fora do palco em que trabalhava as suas relações resumiam-se ao contacto com uma massa anónima de actores e actrizes, que viviam tanto do teatro como do cinema, batendo um dia à porta de um produtor, outro à de um empresário. Clark, na sua anterior estadia em Los Angeles, vivera da mesma maneira, mas era então uma figura anónima e ninguém lhe prestava atenção. Paradoxalmente, agora que triunfava no tablado e que vivia sem preocupações económicas, não lhe causava qualquer interesse o mundo cinematográfico.

renova dia a dia. Não lamentas a monotonia do teatro, que chega a roubar-te a paciência? Repetes todos os dias o mesmo, e quando chegas à interpretação perfeita, decais. No cinema o público só aprecia as expressões mais apuradas de cada actor.

— Concordo contigo, Leonel. Mas pedi trabalho e negaram-mo. É uma espinha que trago na garganta. Se me quiserem, que venham buscar-me. De resto, já te disse que estou bem como estou. Repito: o cinema não me interessa.

Teimoso, Lionel não deu o braço a torcer. Decidiu tomar, ele próprio, a iniciativa e preparou uma prova nos estúdios.

Norma Shearer — que como muitas actrizes não resistiu ao rolar dos anos — formou com Clark um dos pares românticos que mais sensação causaram nos anos 30, trabalhando com ele sucessivamente em três filmes.



Lionel Barrymore discordava neste ponto das ideias do seu amigo e queria que ele tentasse o cinema.

— Não insistas, porque não sinto nenhum interesse em ser actor de cinema — opunha Clark com firmeza inabalável. — Agora sou alguém no teatro, vivo còmodamente e não quero criar complicações. O mais difícil já passou. Sofri bastante e não tenho disposição para repetir a experiência.

— Mas tu já tens um nome. Triunfarás com facilidade. A vida do cinema é muito mais animada que a do teatro, tudo se

Enganado pelo seu amigo, Clark dirigiu-se ao «plateau», acabando, embora contrariado, por ser submetido a essa prova.

Às perguntas do questionário para preenchimento da ficha, respondeu secamente. Não tinha quaisquer esperanças em que aquilo resultasse...

ABREM-SE-LHE AS PORTAS DO CINEMA

Como resultado daquele teste, a Pathé enviou-lhe um contrato para assinar, um contrato longo, repleto de artigos e pará-

«E TUDO O VENTO LEVOU»

A Metro, numa hábil campanha de publicidade, resolveu escolher o actor que deveria interpretar a figura de Rhet Batler, em «E tudo o vento levou», por intermédio de uma votação popular realizada com o concurso da imprensa e da rádio em todo o país. Desse concurso saiu vencedor por esmagadora maioria Clark Gable, que não desiludiu a expectativa dos seus admiradores, compondo um personagem inesquecível. O seu Rhet Batler é uma das figuras mais extraordinárias que o cinema nos tem dado. Ei-lo com Vivien Leigh, a bela, a amorável e... arisca Scarlet O'Hara.

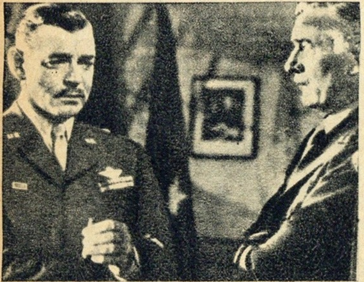




Após a intervenção na guerra de 1939-1945, Clark interpretou «Aventura», com Greer Garson.



Em 1947, quando ainda tinha os cabelos sem manchas brancas, Clark conheceu em «Traficantes de ilusões» o amor de duas belas mulheres: Deborah Kerr e Ava Gardner.



Depois, com o saber da experiência vivida, actuou no papel de major em «Chama de Traição», com Walter Pidgeon.

grafos, e Clark devia consultar primeiro o advogado. Mas o cinema não lhe interessava. E, por isso, dias depois já não se lembrava daqueles papéis azuis que trazia na carteira.

Um encontro com Leonel Barrymore evitou a tempo que aquele contrato ficasse esquecido.

Sem saber exactamente o que fazia, Clark assinou o contrato e, dias depois, já estava trabalhando no seu primeiro filme — «O deserto pintado». Era um papel breve e insignificante. Seguiram-se outros, no mesmo género, até que a grande oportunidade chegou com o filme «Virtudes Modernas», ao lado de oan Crawford.

«Nunca me abandones», deve ser um dos poucos fracassos na filmografia de Clark Gable. Na verdade, tanto ele como Gene Tierney não puderam suprir os defeitos de uma história incrível e uma realização deficiente. Ao que parece, este filme originou mesmo por parte do actor o pedido de rescisão do contrato que o ligava à Metro.





«Medo de Amar» reuniu pela primeira vez Clark e Bárbara Stanwick. As corridas de automóvel eram soberbas... e os beijos também.

Clark é um dos actores mais versáteis da história do cinema. Qualquer que seja o papel que lhe cabe desempenhar, assenta-lhe sempre como uma luva. Assim sucedeu, por exemplo, nessa comédia originalíssima de George Sidney, «Mulher, a quanto obrigas», com Loretta Young.



A partir de então, a sua carreira tomou um rumo ascensional. À porta do seu camarim, passou a brilhar uma estrela com três nomes artìsticamente desenhados: «MISTER CLARK GABLE».

A sua actividade no estúdio torna-se esgotante. Terminado um filme, começa outro em seguida..

Pela manhã, quando entra no estúdio, o porteiro tira respeitosamente o boné para o saudar.

O seu triunfo alcança, em 1934, um ponto culminante, quando a Academia de Hollywood lhe concede o «Óscar» para o melhor actor do ano, pelo seu filme «Uma noite aconteceu».

De todas as bocas sai um nome que define um triunfo esmagador.

Esse nome é um nome breve: «King»... Sim, chamam-lhe «rei», porque na verdade Hollywood nunca conhecera ninguém assim...

AS 10 REGRAS DE CLARK GABLE

para gozar saúde e felicidade...

1 — Não te tomes a ti mesmo muito a sério.
2 — Procura sempre ver a verdade dos factos.
3 — Conserva o bom humor em todas as ocasiões.
4 — Executa dìariamente um pouco de ginástica ou exercícios físicos, de preferência ao ar livre.
5 — Descansa, por muito trabalho que tenhas para fazer...
6 — Evita os excessos seja no que for.
7 — Nunca caminhes para trás.
8 — Não te preocupes.
9 — Faz todo o possível para conheceres bem o teu trabalho.
10 — Não queiras fazer mais do que a tua capacidade te permite...

A um homem que siga estas regras — afirma Clark — não vejo razão para que não chegue aos noventa anos...





Numa altura em que Ava Gardner começava a ser considerada a mais bela mulher do cinema, a M.G.M. pô-los a contracenar uma vez mais em «Estrela do Destino», com Broderick Crawford no papel de rival de Clark.

AS PRINCIPAIS DATAS NA VIDA DE CLARK GABLE

- **1901** — Nasce a 1 de Fevereiro com o nome de William Clark Gable em Cadiz, no Estado de Ohio.
- **1901-1905** — Vive na companhia dos pais na Pensilvânia.
- **1906** — Casamento de seu pai em segundas núpcias.
- **1907-1916** — Vive na companhia de sua avó, Jennie Dunlop Gable e estuda em Hopedale e Ravena (Ohio).
- **1917-1924** — Exerce diversas profissões e trabalha em companhias ambulantes.
- **1924** — Actua como figurante em Hollywood, antes de se transferir para Nova Iorque. Casa-se com Josephine Dillon.
- **1925-1930** — Trabalha na Broadway, onde se destaca nas peças «Machinal», «Gambling», «What Price Glory» e «The Last Mile».
- **1930** — Estreia-se no cinema em «The Painted Desert». Divorcia-se de Josephine Dillon.
- **1931** — Casa-se com Rea Laughan.
- **1938** — Divorcia-se de Rea Laughan.
- **1939** — Casa-se com Carole Lombard.
- **1942** — No dia 16 de Janeiro Carole Lombard morre num desastre de aviação. Alista-se na Aviação americana.
- **1943-1945** — Serve no 8.º Exército do Ar.
- **1949** — Casa-se em Dezembro com Sylvia Ashley.
- **1952** — Divorcia-se em Abril de Sylvia Ashley.
- **1955** — Casa-se a 12 de Julho com Kay Williams Spreckles.

Apesar de ser quase um sexagenário, as mais belas mulheres do cinema ainda o disputam para os seus filmes...

As cinco imagens destas páginas centrais, correspondentes a cinco dos últimos filmes de Grable, provam-no com exuberância! Detentor de uma virilidade espantosa, Clark não pertence àquele género de galãs que se mantêm no cinema apenas pelo prestígio do passado. Na realidade, ele convence qualquer plateia, por muito que esta possa duvidar da eficiência de um homem à beira dos sessenta anos!

Que mais belo título de honra um actor pode ambicionar?



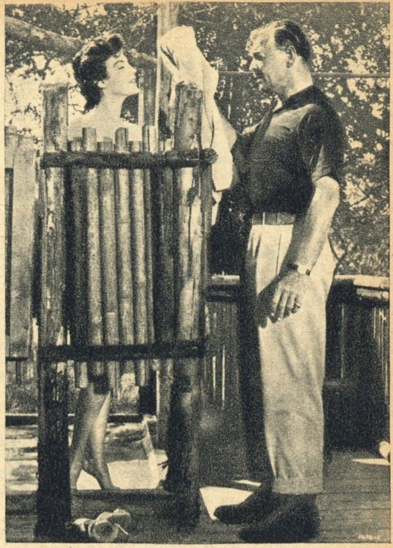
Um beijo «à Gable»... Enquanto Jane Russell lhe cai nos braços, ele puxa-a para si com uma mão, segurando um naco de carne com a outra...



Desligado definitivamente do contrato que durante longos anos o prendeu à Metro, Clark resolveu empreender a carreira de produtor independente — que iniciou em «O aventureiro de Hong-Kong», com Susan Hayward.

A perturbante Lana Turner contracenou com o «Rei» em «Atraiçoada»





Em 1955, Ava Gardner, o mais belo animal do mundo, contracenou uma vez mais com o «Rei» em «Mogambo», disputando-o a Grace Kelly.



Ivonne de Carlo deu-lhe boa réplica em «A Escrava».

30 ANOS DE CINEMA — 62 FILMES!

ANOS	TÍTULOS PORTUGUESES	TÍTULOS ORIGINAIS	ARTISTAS
1930	O Deserto Pintado	The Painted Desert	William Boyd
		The Easiest Way	Constance Bennett
	Os Seis Misteriosos	The Secret Six	Wallace Beery
	Uma Alma Livre	A Tree Soul	Norman Shearer
1931	Virtudes Modernas	Dance, Fools, Dance	Joan Crawford
	Titãs Do Céu	Hell Divers	Wallace Beery
	Pecadores Alegres	Laughing Sinners	Joan Crawford
		Polly of the Circus	Marion Davies
	Puro Sangue	Sporting Blood	Madge Evans
1932	Cortesã	Susan Lennox	Greta Garbo
	Fascinação	Possessed	Joan Crawford
	Estranho Intervalo	Strange Interlud	Norma Shearer
	Terra Abrasadora	Red Dust	Jean Harlow
		No Man Of The Own	Carole Lambard
1933	A Irmã Branca	The White Sister	Helen Hayes
	O Seu Homem	Hold Your Man	Jean Harlow
	Voo Nocturno	Night Flight	Myrna Loy
	O turbilhão da dança	Dancing Lady	Joan Crawford
1934	Uma Noite Aconteceu	It Happened One Nnght	Claudette Colbert
	O inimigo público n.º 1	Manhattan Melodrama	Myrna Loy
	Os Homens da Blusa Branca	Men In White	Myrna Loy
	Os 2 amores de Diana	Chained	Joan Crawford
	Os noivos de Mary	Forsaking All Others	Joan Crawford
1935	O Escândalo do Dia	After Office Hours	Constance Bennett
	Nos Mares da China	China Seas	Rosalind Russel
	A Revolta na Bounty	Mutiny Of The Bounty	Charles Laughton
	A Conquista do Oiro	Call Of The Wild	Loretta Young
1936	A Esposa e a Secretária	Wife Versus Secretary	Myrna Loy
	São Francisco	San Francisco	Spencer Tracy
	Doidos & C.ª	Love On The Run	Joan Crawford
	Orgulho e Preconceito	Pride & Prejudice	Norma Shearer

ANOS	TÍTULOS PORTUGUESES	TÍTULOS ORIGINAIS	ARTISTAS
	Caim e Mabel	Cain And Mabel	Marion Davies
1937	A Irlanda em Fogo	Parnell	Myrna Loy
	Saratoga	Saratoga	Jean Harlow
1938	Heróis de Hoje	Test Pilot	Spencer Tracy
	À prova de fogo	Too Hot To Handle	Myrna Loy
1939	Os Loucos Divertem-se	Idiot's Delight	Norma Shearer
	E Tudo o Vento Levou	Gone With The Wind	Vivien Leigh
	Os fugitivos da Guiana	Strange Cargo	Joan Crawford
1940	Dois contra o mundo	Boom Town	Hedy Lamarr
	Camarada X	Comrad X	Hedy Lamarr
1941	Uma aventura em Hong-Kong	They Met In Bombay	Rosalind Russell
	Honky Tonk, a cidade em delírio	Honky Tonk	Lana Turner
1942	Tempestade no Pacífico	Some Where I'll Find You	Lana Turner
1946	Aventura	Adventure	Greer Garson
1947	Traficante de Ilusões	The Hucksters	Ava Gardner
	A rival	Home Coing	Lana Turner
1948	Chama de Traição	Command Decision	Walter Pidgeon
1949	Quando morre uma ilusão	Any Number Can Play	Alexis Smith
	Mulher, a quantó obrigas	Key To The City	Loretta Young
1950	Medo de Amar	To Please a Lady	Bárbara Stanwyck
	Assim são os fortes	Across The Wide Missouri	Ricardo Montalban
1951	Estrela do Destino	Lone Star	Ava Gardner
1952	Nunca me Abandones	Never Let Me Go	Gene Tierney
	Mogambo	Mogambo	Ava Gardner
1953	Atraiçoada	Betrayed	Victor Mature
1955	O Aventureiro de Hong-Kong	Soldier Of Fortune	Susan Hayward
	Duelo de Ambições	The Tall Men	Jane Russell
1957	A Escrava	Band Of Angels	Yvone de Carlo
	Um Rei e Quatro Rainhas	The King and four Queens	Eleanor Parker
1958	Amor de Jornalista	Teacher's Pet	Doris Day
		Run Silent, Run Deep	Burt Lancaster

a vida sentimental de CLARK GABLE ...ou a história dos seus 5 casamentos e numerosos «flirts»

A vida sentimental de Clark Gable é movi-
festações de humor, ternura e tragédia.
mentada e intensa, com as suas mani-
Cinco casamentos assinalam a inconstância do seu temperamento romântico.

Quando, em 1932, conheceu a francesa Josephine Dillon, andava de companhia em companhia, de Nova Iorque para Los Angeles, em busca de um contrato que lhe desse glória e dinheiro. Ela era uma bela mulher, sem tendências artísticas mas deixou-se atrair por aquele jovem elegante e varonil, que se debatia na luta pela vida.

Mulher importante, de teres e haveres, alguns anos mais velha do que Clark, Josephine tinha a sua própria filosofia da vida. E aquela luta que ele travava para triunfar como actor parecia-lhe inglória.

— Estás perdendo tempo — disse-lhe, numa noite em que ele se sentia mais desesperado do que nunca. — Esses papéis que procuras não te darão nenhum benefício económico nem profissional. Tu não tens nenhuma experiência nestas questões. Os empresários teatrais são como polvos que afogam os actores jovens — e tu já começáste a cair nas suas garras.

— Sim, sei que tens razão, mas não há remédio. Precisava de uma pessoa com influência e com força, que me pudesse guiar. Infelizmente não sou ninguém, e nenhum agente quer tomar a responsabilidade da minha carreira.

— Enganas-te — disse-lhe Josephine num tom estranho. — Eu tenho força e influência. A partir de hoje, sou o teu agente. Vais ver como tudo vai mudar.

A surpresa estampou-se no rosto de Clark. Pela primeira vez, havia uma pessoa que se preocupava desinteressadamente por ele. Como num «écran», ele viu naquele momento todos os caminhos abertos.

— Aceito! — gritou com júbilo. — Vamos celebrar o acontecimento.

Ela apressou-se a escolher o lugar, recolhido e íntimo, onde as palavras pudessem chegar à alma.

Bailaram e beberam champanhe. A conversação saiu do âmbito profissional. Antes, tudo o que falavam era sobre o teatro. Mas naqueles momentos, ainda que falassem uma vez mais de teatro, ambos sabiam que o teatro perdera o lugar primacial no elo que os unia.

— Tens todas as qualidades de um bom actor — gabava Josephine. — Tens personalidade, simpatia e talento.

Clark desviava o rumo da conversa e falava do êxito e da glória.

— Não — replicava Josephine. — Não procuro a glória... Para mim, existe uma coisa muito mais importante...

Olhava de certa maneira para Clark e ele começava a compreender.

A actuação de «agente» de Josephine em breve os conduziu ao altar. O casamento celebrou-se a 13 de Dezembro de 1924.

Clark poderia dizer mais tarde que tinha sido iludido pela primeira vez.

Contudo, por intermédio de Josephine ele conheceu Leonel Barrymore e alcançou o êxito. Durante cerca de seis anos, viveram em perfeita felicidade conjugal. Mas tudo o que os unia era o triunfo mútuo, não o amor.

O divórcio surgiu em Abril de 1930, por decisão mútua e sem complicações de qualquer espécie.

A experiência falhada não desanimou Clark e, assim, pouco tempo permaneceu solteiro.

Em Março de 1931 contraiu novo matrimónio, desta vez com Rea Laughan. Clark ainda não tinha atingido a celebridade. Estava dando os seus primeiros passos no cinema. Necessitava de um lar tranquilo,



Rea Laughan — a segunda esposa — era uma mulher rica



Carole Lombard — o grande amor da sua vida.



onde pudesse viver e descansar longe da azáfama dos estúdios. Rea significava para ele essa tranquilidade. Além do mais, permanecer solteiro prejudicava-o, não lhe permitindo levar uma vida normal e irritando-o até ao ponto de prejudicar as suas actuações.

Este segundo casamento durou até 1938. Houve quem apontasse como motivo do divórcio a desilusão da falta de filhos. Mas, fosse como fosse, Clark e Rea viveram juntos durante oito anos — facto de assinalar quando se sabe que em Hollywood a maioria dos artistas casados não deixam passar tanto tempo para obter o divórcio.

Seguiu-se um novo intervalo na vida sentimental do artista, que nessa altura já era conhecido pelo título de «Rei». Disputado por quase todas as «estrelas» de Hollywood, alguns ornais classificavam-no irònicamente como «o solteiro mais perseguido»...

Entretanto, Clark preocupava-se apenas em ganhar fama e dinheiro. Sentia-se em segurança, e esse facto dava-lhe tranquilidade, permitindo-lhe esquecer a falta de uma mulher.

Mas esse intervalo duraria pouco tempo. O acontecimento mais importante da sua vida, surgiu a modificar tudo.



Gene Tierney — recentemente saída de uma casa de saúde para alienados — foi um dos numerosos «flirts» do «Rei».



Quando em 1955 esteve na Europa em viagem de férias, Gable foi alvo da cortesia das suas milhares de admiradoras. Uma jovem holandesa ofereceu-lhe dois pequenos e inofensivos leões, com a seguinte nota: «Para que o defendam das importunas». Na companhia de Gable vê-se H. Lawrence, cônsul norte-americano em Haia.



Onde quer que vá, Clark é sempre acolhido com simpatia. Uma vez, por exemplo, ao assistir a um espectáculo da célebre companhia «Ice Follies», a patinadora Frances Dorsey trouxe-o para o ringue, para que patinasse com ela...



Avesso às festas mundanas, Clark considera o lar uma das suas razões de viver.

CAROLE LOMBARD — O GRANDE AMOR DA SUA VIDA

Carole era uma actriz que entrara para o cinema com doze anos de idade, em 1921. A sua simpatia, a sua vitalidade, o seu encanto, aliados a um «sex-appeal» irresistível, tinham-na tornado a actriz favorita de Hollywood.

Dir-se-ia que os acidentes e a tragédia pareciam destinadas a marcar a vida de Carole.

Carole estivera casada com William Powell (de quem se divorciou em 1931) e o seu segundo marido, Russ Colombo, morrera de uma bala disparda ao acaso num assalto de «gangsters».

A sua carreira, esmaltada por êxitos brilhantes, conhecera apenas um momento de angústia e incerteza, provocado por um desastre de automóvel, que lhe deixou o rosto desfigurado. A cirurgia estética operara, porém, o milagre de devolver àquele rosto a perfeição dos seus traços.

Quando Clark Gable a conheceu, dando imediatamente começo a um idílio apaixonante, Hollywood inteira ficou boquiaberta.

Ao contrário do que era já um hábito, o idílio não inspirou escândalo, mas simpatia.

Clark aparecia agora com um sorriso permanente nos lábios. O amor viera preencher o vazio existente no seu coração. Estava apaixonado como um colegial e proclamava-o aos quatro ventos. Por seu lado, Carole mostrava-se mais atraente e agradável do que nunca.

Pela primeira e única vez, Clark apareceu em festas e «cocktails». Eram frequentes os seus passeios com Carole no terraço de qualquer clube nocturno, contemplando a noite silenciosa, como dois colegiais apaixonados e solitários.

— Olha o céu, Carole — disse ele, numa dessas noites. — Repara em tantas estrelas. O firmamento de Hollywood é assim também: umas luzem mais do que outras. As mais brilhantes parece que se atraem com a sua luz e juntas têm um fulgor incomparável.

— Como tu e eu, Clark — respondeu ela.

Grace Kelly chegou a ser apontada como a provável sucessora de Carole Lombard, mas o facto não se confirmou...



— Quando duas pessoas nascem uma para a outra, o destino encarrega-se de as juntar. Foi o que sucedeu connosco.

— Sim, Clark. Quando estou contigo tudo me parece fascinante. Mas quando me separo de ti, a mudança é inevitável. Acho o mundo triste e sombrio.

— Sucede o mesmo comigo. Mas... — sorriu com o seu bigode negro ligeiramente levantado, numa expressão de humor — é fácil solucionar o nosso problema. O mundo pode-nos parecer maravilhoso a todos os momentos...

A boda celebrou-se a 29 de Março de 1939, na aldeia de Arizona, quase secretamente para que ninguém os molestasse na sua lua-de-mel.

Casado pela terceira vez, a popularidade de Clark não diminuiu com esse facto. As suas admiradoras compartilharam a sua alegria pelo passo que dera. E, a prová-lo, o extraordinário actor viu o seu nome em primeiro lugar no «referendum» popular organizado para a escolha do protagonista de «E tudo o vento levou».

Os anos passavam e o casal vivia em perfeita harmonia. Clark não aparecia em parte alguma. Vivia inteiramente dedicado ao lar. Sua esposa «açambarcava-o» a todos os momentos e, fascinado pelo amor que o impelia para os braços da sua fascinante esposa, ele não dizia que não.

Naquela época, Clark era um homem que vivia a melhor fase da sua vida, no ponto anterior à maturidade. A sua experiência estava completa e sabia agora que tinha o melhor que a vida lhe podia deparar.

A sua felicidade, porém, viria a ser violentamente esmagada.

Certo dia, Carole, que se deslocara a Nova Iorque, tomou um avião para Hollywood. Queria regressar depressa aos braços do estposo amado.

A guerra, porém, estava em pleno auge, e as linhas aéreas já não ofereciam a segurança dos tempos de paz.

O avião em que Carole viajava desapareceu, como tantos outros aviões. No dia 31 de Janeiro de 1942, um comunicado oficial transmitiu para os jornais a notícia de que o avião tinha sido destruído e que todos os seus ocupantes haviam ficado carbonizados.

Carole sofrera o mesmo trágico destino que Grace Moore e Leslie Hovard.

Esse desastre inacreditável, inesperado, estúpido, atingiu Clark de forma tremenda, fulminando-o durante longos meses de dor e desespero. Não podia habituar-se à ideia de ter perdido a esposa, que amava com ternura infinita e que era o grande sonho da sua vida.

Tornou-se outro homem. O actor alegre, decidido e firme, passou a ser taciturno, frio, nervoso, recusando-se a aparecer fosse onde fosse. No estúdio era uma sombra que se escondia por todos os lados. O seu tra-

Lady Silvia Ashley arrancou-o durante alguns anos do tormento em que vivia pela morte de Carole Lombard — mas a vida conjugal de ambos redundou noutro tormento...



balho perdeu a eficácia doutros tempos. Os realizadores não conseguiam arrancar nada de válido do actor que antes lhes satisfazia todas as exigências.

Recusava-se a repetir uma cena, embora soubesse perfeitamente que lhe saíra mal. Mais ainda: por vezes sentia desejos de abandonar tudo ou de ver arder o estúdio.

Trabalhar e ganhar dinheiro — não tinha já nenhuma justificação para ele. Perdera o grande amor da sua vida e não podia suportar mais a tragédia.

Hollywood assistia com emoção à dor do grande artista. Numa época em que as crónicas das separações e divórcios apareciam cheias em todas as revistas de cinema, numa época em que a meca do cinema vivia uma existência dissipadora e frívola, a recordação de um amor tão sincero como o que unira Clark Gable e Carole Lombard infundia, apesar de tudo, respeito e admiração.

Para esquecer a tragédia, Clark alistou-se na Aviação Americana, partindo para a guerra em busca de emoções e de vingança.

Com o regresso à paz, porém, voltou a Hollywood preso de um desalento que o impossibilitava de trabalhar, de voltar a ocupar o seu posto de rei.

O «MILAGRE» DA RECUPERAÇÃO

Passaram-se dois anos, dois longos anos que deram a Clark Gable muito tempo para pensar — em Carole e na sua dor. Compreendeu que era inútil refugiar-se na solidão e que, a manter-se assim, daria um ponto final trágico à sua vida ou acabaria com a sua carreira. Encontrar outra mulher era a única solução para se salvar da queda fatal. Mas, onde estava ela? Onde estava essa mulher capaz de o amar com tanta dedicação, ao ponto de o levar a esquecer a dor aberta pela morte de Carole?

Era difícil encontrá-la, tão difícil como a uma agulha no palheiro. Mas ele encontrou-a.

Não era uma mulher nova, nem inexperiente. Silvia Ashley já estivera três vezes casada, primeiro com dois lordes e a última vez com Douglas Fairbanks (Pai). A estes três importantes homens, criara sérias complicações, traduzidas para Douglas em 200.000 dólares pedidos por ela para lhe dar o divórcio.

Silvia conquistou Clark desde o primeiro instante. Ele não sabia exactamente o que o atraía, mas não hesitou no casamento. Corria o ano de 1945.

Apaixonada por ele, Silvia não tardou a decifrar os mais íntimos sentimentos do marido. Conheceu-lhe os pontos fracos e soube aproveitá-los.

Hollywood comentou jocosamente o enlace, tratando Clark por «casadão empedernido». Com efeito, ele parecia querer coleccionar casamentos, não temendo as dificuldades da vida conjugal, nem o passado de Silvia Ashley.

O tempo demonstrou, porém, que se tinha enganado. Silvia não era a mulher apropriada para compartilhar a vida de um lar com Clark. Faltava-lhe ternura e simplicidade.

As discussões depressa começaram e tornaram-se violentas com o correr dos anos.

Os desgostos conjugais sucediam-se continuamente, mas Silvia sabia acalmar as tempestades depois de desencadeá-las. O casamento prolongou-se assim durante oito anos, até que ela tornou a existência impossível para si mesma e acusou Clark de crueldade mental.

Depois do divórcio, Hollywood ficou aguardando com ansiedade o quinto casamento do actor. Os jornalistas, sequiosos de notícias, seguiam cada um dos seus passos. Qualquer amizade feminina era vista como o princípio do caminho que o levaria ao quinto casamento. Qualquer entrevista com uma mulher era considerada um idílio.

Em 1954, durante a rodagem de «Mogambo» em África, houve quem falasse de um possível casamento entre Clark Gable e Grace Kelly. Na verdade, os dois artistas tinham travado uma sólida amizade. Iam juntos a todos os lados e nunca se separavam. Dizia-se que Clark estava apaixonado e que tinha encontrado a sua segunda Carole Lombard.

Quando, terminadas as filmagens, os dois partiram juntos para Londres, os boatos de um possível casamento aumentaram ainda mais. Mas, pouco depois, Grace partia sòzinha para Filadélfia e Clark passeava por Paris de braço dado com o célebre manequim Suzanne Dadollo d'Abadie.

A rodagem de «O aventureiro de Hong-Kong» levou-o depois para o Oriente. De novo, os boatos de um possível casamento surgiram, desta vez com Ava Gardner, que se tinha deslocado a Hong-Kong numa digressão mundial de propaganda para o lançamento de «A condessa descalça».

Ao contrário das outras vezes, em que encolhia os ombros desinteressadamente, Clark revoltou-se, afirmando que ele e Ava sempre tinham sido amigos e que não havia motivo para que se falasse numa intimidade que não existia.

Mas a imprensa só sossegou quando o «Rei» se decidiu a casar pela quinta vez...



Durante o período entre o seu divórcio de Silvia Ashley e o casamento com Kay Williams, correram boatos da existência de «flirts» entre o «Rei» e várias actrizes famosas, mas esses boatos recebeu-os o actor sempre com o maior desinteresse, excepto quanto o nome de Ava Gardner apareceu misturado com o seu... Até hoje, ninguém descobriu ainda o mistério dessa atitude.



a quinta esposa: KAY SPRECKLES

Com Kay Williams, Clark perdeu o seu velho hábito de ser avesso a festas e reuniões.

CORRIA o ano de 1955 e na Meca do cinema os casamentos choviam a um ritmo constante... Joan Crawford, já com 47 anos, tinha realizado em Las Vegas o seu quarto casamento, com um homem sete anos mais velho, o industrial Alfred N. Steele... O celebérrimo Orson Welles, com 41 anos, havia-se casado pela terceira vez, com Paola Mori, condessa de Girfalco, de 24 anos... Debbie Reynolds desposara Eddie Fizcher. John Wayne efectuara o seu terceiro casamento com a mexicana Pilar Pilette, Olivia de Havilland unira-se ao jornalista francês Pierre Galante, Vera Ellen deixara-se alvejar pelas setas «cupidescas» do senhor Victor Rothschild...

Dir-se-ia que em Hollywood ninguém queria viver mais só... Não obstante, as hipóteses acerca de um possível novo casamento de Clark Gable eram nulas. Divorciando-se de Sylvia Ashley, sua quarta esposa, Gable dera a muitos a convicção de que continuava agarrado à recordação do seu grande amor por Carole Lombard. A corroborar essa convicção, havia o facto de o actor ter atingido 54 anos — idade demasiado avançada para romances de amor e, consequentemente, para o ousado passo de um quinto casamento...

Mas, uma vez mais, o «Rei» surgiu de maneira surpreendente, fornecendo no dia 13 de Julho de 1955, a notícia que daria aos filósofos, aos psicólogos... e às más-línguas, matéria para largas dissertações em todos os tons: «Casei-me ontem, pela quarta vez, com a senhora Kay Williams Spreckles».

E, para que não restassem dúvidas a ninguém, apresentou orgulhosamente a mulher que vinha preencher de novo a sua vida sentimental. Então, pela primeira vez na vida de Hollywood, os jornalistas conheceram uma senhora dos seus quarenta anos, loura como Carole Lombard, ostentando um belíssimo colar de pérolas ao pescoço e outras jóias deslumbrantes nos pulsos. Mas, o que mais impressionava em Kay Williams Spreckles era a requintada distinção da sua presença, a invulgar personalidade...

Quem então se abeirou da nova esposa do «Rei» pôde constatar que, apesar de muito distanciada dos vinte anos, ela satisfazia os gostos mais exigentes...

Não tardaria a saber-se que era uma senhora da mais alta sociedade de Nova Iorque, que possuía uma fortuna considerável e... que não tinha qualquer experiência matrimonial anterior...

Desde esse dia para cá, Kay e Clark têm formado um dos casais mais unidos de Hollywood, impondo-se à amizade e ao respeito de todos e a todos dando lições de felicidade conjugal. A ausência de filhos não tem sido motivo de inquietação ou de pesar para este casal quinquagenário, que em todas as festas e reuniões parece cada vez mais remoçado como as fotografias iniludivelmente provam.

Tudo indica que Kay Williams Spreckles vai fechar com chave de ouro a vida sentimental de um «astro» que, apesar dos seus cinco casamentos e numerosos «flirts», não tem ainda, por ironia, do destino, qualquer descendente...



Clark e Kay formam em Hollywood um dos poucos casais que não conhecem inimigos. Só assim eles chegam tão alegres e confiantes às festas de Louella Parson...



Uma curiosa fotografia tirad a num momento em que o casal Jané Russel-Bob Waterfield se encontrou numa festa com Kay e Clark. Segundo parece, sucedeu qualquer percalço ao vestido de Jane, mas não houve razão para aborrecimentos, embora os protagonistas de «O Aventureiro de Hong-Kong» fossem os únicos a achar graça...

No estúdio, Kay Spreckles é a conselheira do marido...





...pelo buraco da fechadura

Com os seus 57 anos, Clark mantém-se igual a si mesmo. Continua a ser um homem simples, vivendo perto de Hollywood na sua granja «Encino». Quando tem férias no estúdio, dedica-se à agricultura. Exactamente: à agricultura.

Cultivar os vinte acres de terra que possui é o prazer n.º 1 do grande actor, que também aprecia os desportos, como a equitação, a caça e a pesca.

Ele próprio maneja os tractores, põe a funcionar as debulhadoras, e cuida dos cavalos no estábulo. Conseguiu que a sua granja seja um modelo de todos os avanços da técnica. Graças a eles, os rudes trabalhos do campo deixam de ser incómodos e exaustivos, dando-lhe prazer e alegria.

Ainda que não seja grande, a casa de Clark é confortável e tem todos os luxos e comodidades, incluindo um aparelho de televisão. Ao contrário da maioria dos artistas, não possui piscina — ideia a que sempre se mostrou rebelde.

— É a primeira coisa que fazem todos os palermas de Hollywood quando juntam alguns dólares — explica ele. — Parece que, para eles, o mais importante de uma casa é ter uma piscina... Quanto a mim, uma casa precisa primeiro de muitas outras coisas...

Clark odeia a etiqueta e os formalismos sociais, e por isso não gosta de aparecer em festas ou lugares públicos. Vestir «smoking» é uma tortura para ele, e só em casos muito excepcionais se resolve a vesti-lo.

Essa a razão porque na maioria das suas fotografias, quase nunca aparece como um homem elegante, mas sim como um homem simples, despretenciosamente vestido com um blusão de coiro ou um trajo do Oeste.

— Não compreendo — afirma ele com sincera estranheza — porque me incluem entre os dez homens que melhor vestem nos Estados Unidos. Nunca vi coisa mais disparatada, porque nunca me preocupei com o vestuário.

E a propósito conta um caso significativo:

— Certa vez, no México, estava passando umas férias maravilhosas com uns amigos. Vivíamos num acampamento e vestíamos como nos dava na gana. Eu usava um típico trajo mexicano, incluindo o famoso «charro» para me defender do sol. Um dos amigos lembrou-se de nos convidar a passar dez dias em Nova Iorque... Vi-me obrigado a uma desagradável recusa. Mas que podia eu fazer? Só a ideia de suportar uma vida social cheia de convencionalismos me pôs doente. Os outros aceitaram o convite... mas eu fiquei na minha vida selvagem e solitária...



Durante um intervalo de filmagens de «A escrava», Yvonne de Carlo e o «Rei» conversam animadamente... mas como dois amigos sòmente...

Todos os dias, Clark recebe em casa a correspondência habitual de todos os artistas — ainda que a sua seja das mais volumosas. Ele gosta de ler muitas dessas missivas, e a algumas chega a responder pessoalmente.

A este respeito ele declarou:

«A correspondência das minhas admiradoras é bastante anódina. Já sei o que vou ler em 98 % dos casos, mas as excepções valem bem o tempo que perco. Escrevem-me de todo o mundo coisas muito curiosas. Conservo uma de uma esquimó que vivia perto do Pólo. Não sei a que temperatura ela viveria, mas a sua declaração era a mais apaixonada e fogosa que jamais conheci».

E Clark continua, ainda sobre a correspondência das suas admiradoras:

«Durante muito tempo mantive correspondência com uma mulher que se ocultava no anonimato. Começou a escrever-me quando eu era ainda um estreante. Enviava-me umas cartas excelentes, em que falava das minhas interpretações, criticando-as com uma justeza extraordinária. Nenhum crítico me analisou com tanta ponderação como ela. Os seus conselhos serviram-me imenso na minha carreira, mas nunca consegui descobrir quem era. Cheguei a desesperar por não saber a sua identidade e teria dado tudo para conhecê-la».

Em sua casa, Clark recebe poucas visitas. As raras recepções que dá no seu rancho «Encino», nada têm de comum com a maioria das que se realizam em Hollywood, assemelhando-se mais às que se celebram quando as equipas de filmagens rodam exteriores no campo e na montanha e ali trabalham até que dura a luz do dia. Nas festas do «Encino» a etiqueta é proibida.

Clark torna-se ràpidamente amigo de quem se adapta à sua maneira de ser, seguindo a sua máxima: «Nunca te preocupes demasiado por nada».

Apesar de conhecer os Estados Unidos de norte a sul, Clark não se pode gabar do mesmo em relação aos pases estrangeiros. Durante a guerra esteve na Europa, e nos últimos anos viajou pela África para filmar «Mogambo», e pela Ásia, devido a «O aventureiro de Hong-Kong», mas nada mais.



Em «Amor de Jornalista», comédia cem por cento picante, Clark Gable é o homem por quem Doris Day se apaixona... Mas na vida real nada aconteceu...

No próximo número

FINALMENTE

UM ÁLBUM VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL, AO MESMO PREÇO DE SEMPRE: 2 ESCUDOS!

SOFIA LOREN

O «vulcão» de Napoles



A HISTÓRIA DA HUMILDE RAPARIGA QUE CONHECEU O GOSTO AMARGO DA FOME

UM RETRATO FIEL E APAIXONANTE DA MAIS DESEJADA «ESTRELA» DO CINEMA



N. 36

PREÇO 2$00

Nacional, Lda